



## **PE. HEITOR CASTOLDI**

Milão                    \* 13-01-1911  
Campo Grande † 01-09-1974 (63 anos)

No ano cinqüentenário da presença salesiana em Campo Grande, vigésimo quinto aniversário da criação da paróquia de São José de Campo Grande, na madrugada de 1º de setembro encerrava sua laboriosa jornada. Por 11 anos foi seu zeloso e dedicado pastor exercendo, contemporaneamente, o cargo de vigário geral da diocese e assistente eclesiástico do Movimento Familiar Cristão.

Com sucessivas doenças, “o Senhor vinha fazendo soar ao ouvido do Pe. Heitor a trombeta do seu chamamento”.

Dotado de fina sensibilidade musical, ele, sem dúvida, percebia que o som daquela trombeta se avolumava nos últimos tempos, por isso se atirava ao trabalho para que “ao toque de recolher” pudesse apresentar-se “a Deus como homem comprovado, fiel distribuidor da palavra da verdade” (*Tm 2,15*).

Internado várias vezes em hospitais, não diminuía o ritmo de suas atividades, não parava, não se entregava, continuava com o mesmo trabalho de assistência aos menos favorecidos, prosseguia sua atuação nos cursos de noivos, no Movimento Familiar Cristão. Programara percorrer diversas cidades do Estado para fomentar e organizar encontros de casais. A paralisia facial, que o acometera no começo de agosto, a ordem médica proibindo viagens e esforços excessivos, não conseguiram detê-lo na sua atividade que desgastou até se exaurir totalmente, segundo o magnânimo programa de vida apostólica: “De muito bom grado eu gastarei tudo o que tenho e me oferecerei em total sacrifício por vós” (*2Cor 12,15*).

Sua última missão sacerdotal foi cumprida em Bela Vista, onde fora promover encontros de casais. Naquela cidade fronteiriça o acometeu a doença que ditou o seu falecimento: meningite meningocócica. Recolhido ao hospital local e depois, a seu pedido, na residência dos Padres Redentoristas, teve toda a assistência possível, quer dos médicos quer mesmo dos Padres Redentoristas, que dia e noite se revezavam à sua cabeceira. Após leve melhora, nova recaída obrigou seu transporte para Campo Grande, onde chegou em estado comatoso.

Durante dez dias ficou o paciente sob acurada assistência médica e sob a égide de fervorosas orações que os fiéis e amigos endereçavam ao Criador rogando por sua saúde e restabelecimento.

Baldado, porém, todo esforço que se fez para salvar-lhe a preciosa vida: faleceu às 3:40h no dia 1º de setembro.

O corpo foi levado à igreja e exposto à visitação dos fiéis. Era domingo, dia do Senhor, dia da comunidade paroquial reunida em volta da mesma mesa e na comunhão do mesmo pão.

A solene celebração exequial – presente o senhor bispo diocesano Dom Antônio Barbosa –, presidida pelo Pe. Inspetor e com a participação dos sacerdotes da cidade, congregou grande número de fiéis, que superlotaram a igreja e adjacências. “Naqueles momentos de concentração e de fé, parecia ouvir a sua voz possante, dirigindo os cantos nos atos religiosos e can-

tando". O pastor, porém, "configurado ao Cristo Vítima, na mudez eloquêntíssima dos fatos ia repetindo a fórmula: Orai, irmãos, para que o meu sacrifício seja aceito por Deus Pai Todo-poderoso".

Terminada a celebração litúrgica, o féretro foi conduzido ao cemitério com acompanhamento dos mais concorridos.

"Quem se colocasse no meio do desfile fúnebre – escrevia um diário local – não conseguiria ver nem o princípio nem o fim". Acompanhavam o Sr. Bispo Diocesano e o Pe. Inspetor, as principais autoridades civis e militares, o clero e representantes de todas as classes sociais. Rezadas as preces rituais, ao canto da loa: "no céu, com minha Mãe estarei", foi tumulado no jazigo da Família Salesiana, onde, com os irmãos que o precederam, aguarda o momento da ressurreição.

Pe. Heitor Castoldi nasceu em Milão, Itália, aos 13 de janeiro de 1911, filho de Luiz e Ana Brevi. Órfão de pai desde a infância, cresceu sob os cuidados do tio sacerdote, Pe. João Castoldi. Membro da Ação Católica, sentiu desabrochar os germes da vocação sacerdotal e missionária. Aos vinte anos de idade, em dezembro de 1931, entrou para o aspirantado de Bagnolo, onde soube adaptar-se plenamente à vida de internato, merecendo a estima dos superiores que, ao término do curso ginasial, em 1934, o admitiram ao noviciado com esta apreciação: "Alegre e aberto, cheio de atividade e de zelo, bons resultados nos estudos".

Aos 15 de novembro embarcava para Mato Grosso, chegando a Cuiabá em janeiro de 1935. Durante o noviciado, aprofundou o conhecimento e a prática da vida salesiana que abraçou, com a profissão religiosa, aos 29 de janeiro de 1936. Feitos os estudos filosóficos, continuou na casa de formação, assistente e professor dos clérigos, lecionando, contemporaneamente, no Liceu São Gonçalo de Cuiabá.

Em 1942 iniciou os estudos teológicos no Instituto Pio XI, São Paulo. Pe. Heitor era o mais ativo da turma. Tinha uma voz maravilhosa. Muitas vezes era precentor nas vésperas, com um lindo livro *Usualis*. Quando chegava o inspetor Pe. Carletti,

os do Mato Grosso logo o rodeavam, passeando pelas avenidas, conversando, contavam tudo, e o superior acalmava seus ânimos, e quando saía, tudo estava calmo. Quando chegou o Pe. Raineri, representante do Reitor-Mor durante a guerra para a América Latina, De Camillis deu de presente três pacotes de bombões. Um foi dado ao Pe. Raineri e outros dois guardados. Pe. Heitor disse ao Pe. Carletti: há outros dois pacotes... O padre cochichou com o Pe. Raineri, e ele os mandou buscar, dando um para o Pe. Carletti e outro para o Pe. Orlando Chaves. Eu fui com o Pe. Carletti, porque distribuía mais... Ele me perguntou: não és de Mato Grosso. Eu respondi: sou do norte, mas simpatizante de Mato Grosso... e ganhei mais que os outros.

Ao terminar os estudos, os superiores deram o juízo: "Bom, inteligente, trabalhador, amante da Congregação, espírito de iniciativa". Indica as características de sua vida salesiana e sacerdotal.

Como sacerdote, por oito anos foi conselheiro escolar nos colégios de Silvânia (Goiás) e Lins (São Paulo), incutindo com sua presença física, austera e firme, disciplina e seriedade.

De 1954 a 1961, foi diretor do Colégio Dom Bosco em Tupã, São Paulo. Esse colégio fundado para ser viveiro de vocações para a Inspetoria, por várias circunstâncias, forçara o pequeno grupo de aspirantes a imigrar para Campo Grande e Silvânia, abrigando em seu lugar, internos e externos.

Em 1949, os aspirantes voltavam ao antigo ninho, formando com os internos uma única comunidade. O crescer constante dos aspirantes – em 1953 eram oitenta – aconselhou a transferência do internato para o Colégio São Domingos Sávio de Lucélia. Em 1954 o novo diretor encontrou os aspirantes num ambiente pequeno e incômodo, demandando acomodações mais amplas e mais bem equipadas. A nova ala do prédio, projetada com quatro pisos, em concreto, foi levado a termo pelo Pe. Heitor, em dezessete meses, graças a seu dinamismo, "aos sacrifícios dos salesianos da casa, à colaboração da Inspetoria e dos amigos e com a proteção de São José", a cujo patrocínio fora confiada a construção. A satisfação dos salesianos ficou consig-

nada na seguinte nota de crônica: “com uma respiração mais ampla, ambientes mais acolhedores, a formação torna-se mais eficiente. Respira-se um ambiente de casa de formação”.

Uma semana vocacional, a presença de bispos e Pe. Inspetor, das autoridades locais e centenas de alunos dos colégios salesianos da região paulista emprestaram um brilhantismo ímpar às solenidades de inauguração do prédio, harmônico, sóbrio e, ao mesmo tempo, imponente. Pe. Guido Barra, inspetor na época, registrava o acontecimento com estas palavras: “tudo saiu brilhantemente, a contento de todos.”

A visita do Reitor-Mor da Congregação, Pe. Renato Ziggotti, foi outro acontecimento que, sob sua inteligente organização, empolgou a cidade. O entusiasmo e a benéfica influência da visita, quer nos aspirantes, quer na população, compensaram generosamente as canseiras dos preparativos.

A autoridade eclesiástica, em reconhecimento ao zelo apostólico dos salesianos, criou, anexa ao colégio, a paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, empossando Pe. Heitor no cargo de 1º vigário.

Em 1961, apesar dos insistentes pedidos dos amigos para forçar sua permanência em Tupã, foi nomeado ecônomo inspetorial, transferindo-se para Campo Grande, onde exerceu, contemporaneamente, o cargo de vigário da paróquia de São João Bosco, anexa ao colégio. Coube-lhe naquele período, levar a termo a construção do prédio, destinado à faculdade de filosofia, cujas obras se prolongavam havia anos. Graças a auxílios obtidos pelo Pe. Inspetor, Pe. Greiner, na Alemanha, pôde imprimir um ritmo mais acelerado aos trabalhos, deixando em funcionamento, quando, em fins de 1962, foi empossado na paróquia de São José.

Foi este o período mais fecundo de sua vida, exercendo por 11 anos o cargo de vigário com competência e dedicação, numa entrega total aos paroquianos “até se exaurir definitivamente”.

Para melhor planificação do trabalho pastoral, estudou a situação religiosa da paróquia e a vitalidade das associações: Marianos, Filhas de Maria, Homens Católicos “Dom Bosco”,

Devotos de Maria Auxiliadora. Os Marianos, embora em número reduzido, mostravam-se ativos. Os Homens Católicos “Dom Bosco”, atuantes no campo social, colaboraram com o vigário para dar à Colônia “Mata Jacinto” – um aglomerado de posseiros à margem da cidade – escola e capela, títulos de terra e alimentos.

Considerando as dificuldades em fazer florescer e manter viçosas as associações religiosas, sugeriu, às Filhas de Maria, as equipes de catequistas; às associações da Arquiconfraria de N.S. Auxiliadora, a “Oficina de Santa Rita” ou associação de São Judas Tadeu, cuja finalidade era a confecção de roupas para pobres e preparação de moças para serviços domésticos. A associação porém que lhe mereceu carinho especial, foi o Movimento Familiar Cristão. Após a posse, escrevia: “Reunião do primeiro grupo de casais. Movimento grandemente consolador e de grande alcance. Deve merecer a melhor das atenções, ser a pupila dos olhos do vigário”. Dois anos mais tarde, numa revisão de vida religiosa da paróquia, tornava a escrever: “Foi dada grande importância ao MFC. Torna-se um dos movimentos basilares, capaz de trazerem sopro real de vida cristã à nossa paróquia e à Diocese”.

A razão eram os objetivos do movimento de cristianização e defesa dos valores essenciais da família, numa sociedade em transição e de difícil relacionamento de pais e filhos. Estava convencido de que toda ação evangelizadora da sociedade se apóia na vivência cristã do matrimônio. Consciente da importância do Movimento e da necessidade de sua expansão, não perdia a oportunidade de participar de congressos e encontros nacionais e internacionais. Nos últimos tempos, mais que pela hepatite, que o prendia à cama, sofria pela previsão de não poder participar do encontro de Salvador, Bahia, julgado de grande importância pelos assuntos a serem tratados. Promoveu semanas com palestras radiofônicas, artigos em jornais, folhetos volantes para poder popularizar o movimento. Essa dedicação foi ternamente correspondida pelos casais: a assistência carinhosa e contínua dos médicos, a preocupação

geral pelo agravamento da doença, a oferta generosa de sangue, as enternecedoras mensagens telefônicas de crianças, o sentir unânime pelo falecimento, demonstraram o quanto era estimado.

Em 1965, promoveu as “Santas Missões” para atuar a renovação principiada pelo Vaticano II. “Acostumados, escrevia um diário local, a ouvir missa mais por hábito do que por devoção, os fiéis um dia foram surpreendidos com a missa rezada em língua portuguesa e com o padre voltado para eles. Depois, pouco a pouco levados a participar dos atos religiosos, liam orações e as Cartas dos Apóstolos, participando dos cânticos religiosos. Os impressos eram distribuídos e o Pe. Heitor vinha, praticamente, cobrar a participação de todos, regendo e percorrendo as alas entre os bancos da igreja, puxando, por assim dizer, a voz de cada um. As missas na igreja de São José passaram a ser muito mais movimentadas e mais concorridas, inclusive a missa dos jovens às 19 horas do domingo”.

As missas eram primeiramente liturgia da palavra: “Pregava e argumentava com veemência, defendendo os princípios da doutrina cristã... pregando o bem, combatendo o mal.

No ano das bodas de prata da paróquia, quando se preparava para comemorar a efeméride com a inauguração da fachada da igreja, em cujo frontal um painel do glorioso Titular deveria perpetuar sua gratidão a São José, pelos muitos favores, Deus o chamou primeiro dos sete vigários que a pastorearam para a recompensa eterna. Pe. Heitor ficará assinalado nos anais da história da Igreja, como indefeso apóstolo da vivência sacramental do Matrimônio. Que nossos lares, tão bafejados de Vida Divina, sejam fecundas sementeiras em que se faça ouvir a Vocação do Sacerdócio.



**ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS**

**EDITORIA SALESIANA DOM BOSCO**

Rua Dom Bosco, 441 • CEP 03105-020 • São Paulo - SP

Fone: (011) 277-3211 • Fax: (011) 279-0329 • Fax (Vendas): (011) 279-4084

Telex: (011) 32431 • ESPS BR • Caixa Postal 67541 - CEP 03102-970

E-mail: sdbmocca@salesianos.org.br • Home page: <http://www.salesianos.org.br>